



NOVOS
CONTEMPORÂNEOS

2 0 2 3



“A contemporaneidade, como um espelho comportamental e humano, apresenta-se quase sempre como uma ideia difusa, e tanto o passado (e seus paradigmas) quanto o próprio futuro (e suas hipóteses) acabam por soar mais nítidos ao entendimento e à discussão no campo estético.”

Do texto curatorial da I Mostra
Novos Contemporâneos, 2008.



PRÊMIO
NOVOS
CONTEMPORÂNEOS

2023





SOBRE A FUNDAÇÃO

Desde sua criação em 1986, a Fundação Cultural do Pará tem entre seus objetivos a preservação, o fomento e a difusão de bens culturais, buscando abrangência em meio à diversidade de expressões existentes nas várias regiões do Estado do Pará.

Entre as muitas ações de fomento, os editais de exposição em artes visuais das galerias da FCP têm ganho notória força e visibilidade nos últimos anos, através do Prêmio Branco de Melo, e neste ano de 2023 ganham um novo reforço com o Prêmio Novos Contemporâneos, que traz à público as obras de vinte jovens artistas de oito municípios paraenses, cumprindo deste modo o papel de incentivar e dar continuidade à produção em artes visuais no Pará, com vistas ao futuro.

THIAGO MIRANDA
PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO CULTURAL DO PARÁ

NOVOS CONTEMPORÂNEOS

Quinze anos nos separam daquele primeiro gesto em 2008, quando o frescor da chegada de uma nova equipe na Galeria Theodoro Braga da então Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves lançava proposições inéditas em sua história. A I Mostra Novos Contemporâneos nasceu desse ímpeto, e da vontade de revelar novas potências na cena das artes visuais da cidade que, supúnhamos na época, poderiam estar nas salas das faculdades de artes visuais. O resultado reuniu 17 jovens artistas e 13 obras originais, que permitiu um vislumbre do que um futuro próximo confirmaria para alguns deles enquanto sedimentação de uma carreira na cena, e de todo modo, uma prova viva do fulgor criativo capturado em arquejo de voo naqueles primeiros anos de juventude.

Ao retomarmos a ideia desse projeto em 2023, após muitos anos de experiência e luta pelo fortalecimento do edital de pautas – que levou ao estabelecimento pleno do Prêmio Branco de Melo – percebemos que o conceito “Novos Contemporâneos” precisava ser revisto e ampliado, saindo do escopo universitário, e partindo para além das fronteiras da capital, abrangendo o Estado inteiro. Outra mudança fundamental: de mostra o tornamos uma espécie de “prêmio aquisição”, coroando os artistas contemplados não apenas com o reconhecimento de seu talento, mas também enriquecendo seus currículos ao absorver suas obras no valoroso e histórico acervo de 46 anos da GTB.

Deste modo, o Prêmio Novos Contemporâneos 2023 reúne, em sua primeira edição, vinte artistas em início de carreira de oito cidades paraenses: Abaetetuba, Belém, Breves, Bujaru, Cametá, Marabá, São Caetano de Odivelas e São Miguel do Guamá; um mapa bastante nítido do alcance contemporâneo das expressões artísticas dizendo-se em sua profunda multiplicidade etnopoética, munidas a um só tempo de ancestralidade, tecnologia, representatividade, senso estético e direção.

RENATO TORRES
TÉCNICO EM GESTÃO CULTURAL GTB/GBN

PREMIADOS

ANDRESSA PALHIANA

CARLOS GATINHO

CAIO PAIXÃO

DIEGO AZEVEDO

FIAMA RODRIGUES

GEISA

DIAS JÚNIOR

JUL

JULY SILVA

FELIPE FURTADO

LUIZA LOPES

VINY

CECI BANDEIRA

ITATIANE MORAES

NADIA ROSE

ODIVAN BAIA

RAFA CARDOZO

EREMITA (ROBERTO JÚNIOR)

SARTS

YASMIN FONSECA







Tecida

Grafite sobre papel
43,5 cm x 53,5 cm
2023

Andressa Palhiana (1999)

SÃO CAETANO DE ODIVELAS/PA, VIVE EM BELÉM



Graduanda no curso de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Sua produção artística transita entre diferentes técnicas como o desenho e a pintura, representando memórias afetivas, vivências do cotidiano familiar, e pessoas que estão às margens da sociedade.

A obra “Tecida” faz parte de uma série ainda sem título que vem desenvolvendo recentemente; são trabalhos em diferentes técnicas artísticas, como grafite sobre papel, aquarela, óleo sobre tela e objetos.

O intuito é retratar vivências relacionadas ao cotidiano de pescadores que desde muito cedo trabalham com a pescaria na cidade de São João de Pirabas, localizada no nordeste paraense, região do salgado. As mãos retratadas na obra são do Sr. Elias Torres Palhiana, avô paterno da artista. A ideia de retratar suas mãos parte de memórias afetivas, pois desde sua infância observou seu pai, tios e avô tecendo redes de pesca. Essas memórias ganham destaque em suas obras.





Espectro de Yemanjá

Pintura Digital
44,5 cm x 62,7 cm
2023

Carlos Gatinho (1998)

BELÉM/PA



É designer gráfico, fotógrafo e ilustrador. Iniciou nesse ramo através da fotografia; em seu intercâmbio para China, intensificou esse estudo.

Durante a pandemia, passou a dedicar-se a ilustração digital de forma empírica e autodidata.

A obra “Espectro de Yemanjá” trata de uma procura em mesclar o lado humano e o lado divino deste orixá. Junto disso, traz os elementos que a compõem, sendo seu domínio a água e todo o mar que a atravessa e se funde, descrevendo sua própria personalidade.





Desejo Vida

Nanquim sobre papel

32 cm x 44 cm

2023

Caio Paixão (1997)

BELÉM/PA



Trans masculino, graduado em Licenciatura em Artes Visuais pela UFPA. Seu percurso com a arte-educação se acentua principalmente em espaços culturais.

Tem uma trajetória de atuação como mediador cultural em diversas exposições em Belém, assim como fez a coordenação educativa do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia das últimas 3 edições (2019, 2020, 2021). Em 2022, trabalhou como supervisor educativo da Bienal de Artes Visuais do Mercosul (Porto Alegre - RS).

Atualmente está coordenador pedagógico da Bienal das Amazônias. Sua pesquisa artística se desenvolve no campo da performance, desenho e fotografia bordada.

“Desejo Vida” é cheio de corpos, corpos que se abraçam, se cruzam, se ajudam e se afetam, eles também se empurram pra cima, sempre pra cima. São muitas versões de uma pessoa que transiciona de um lugar ao outro, de um gênero ao outro. Uma criança *queer* que sobreviveu e se agarra aos braços do adulto que se tornou. Tudo se faz numa longa jornada de dentro para fora. “Desejo vida” é um desejo legítimo de seguir vivo com os seus.





Sem Título

Óleo sobre tela
60 cm x 40 cm
2023

Diego Azevedo (1989)

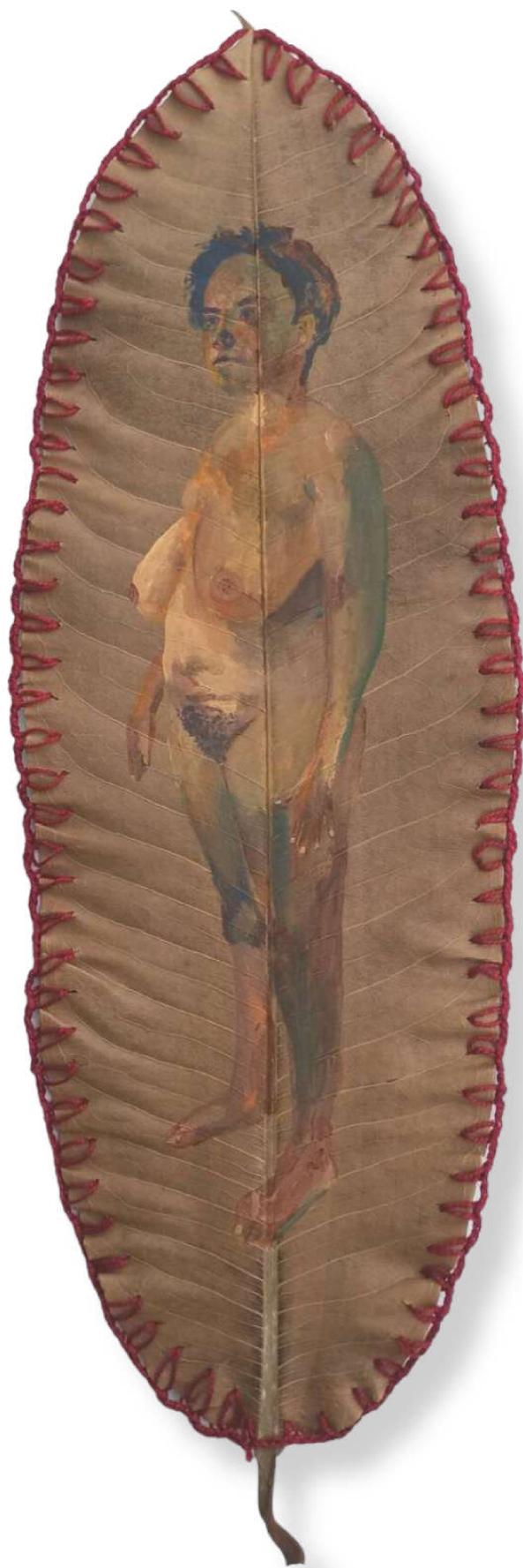
BELÉM/PA, VIVE EM ANANINDEUA



Artista visual, pintor. Com formação em cursos livres, tem sua investigação poética pautada no retrato, partindo principalmente de temas do seu entorno, como infância, periferia, religião e cenas cotidianas.

A pintura retrata um grupo de crianças sendo conduzidas à igreja por adultos, evocando um conflito entre a liberdade individual e as expectativas sociais. As pinceladas capturam a tensão e a incerteza no rosto das crianças, enquanto a composição sugere um questionamento das tradições religiosas e da autonomia infantil. A obra provoca reflexões sobre a influência da sociedade na formação das crenças e identidades individuais.





Mãe do Jardim

Técnica mista
12,5 cm x 36 cm
2023

Fiama Rodrigues (1994)

MARABÁ/PA

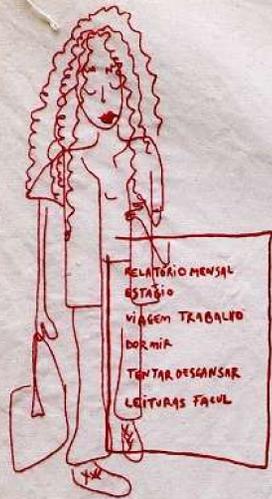


Artista visual, pesquisadora, graduanda em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade do Sul Sudeste do Pará - UNIFESSPA, e amiga das plantas.

Tem seus processos criativos voltados para a temática das mulheres, plantas e flores, atuando na área do desenho, pintura e gravura. Atualmente tem se dedicado à pesquisa e produção artística da representação visual do feminino. Sua poética tem se estruturado na representação das mulheres e plantas, e usa a arte impressa - monotipia - como norteadora desse processo.

As plantas são grandes mediadoras e elementos importantes no convívio e conversas entre as mulheres. Criam e dão sentido ao tempo e ao espaço construído por suas mãos. “Mãe do Jardim” é a representação do feminino e a relação com as plantas dos quintais, com as práticas cotidianas ligadas a um sistema empírico proporcionado pelas percepções do contato com a terra, cultivo, autoconhecimento e cuidado.



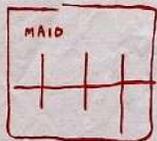


Oi, FAZ UM TEMPINHO QUE NÃO NOS ENCONTRAMOS, NÉ?

Oii, POIS É... NUNCA ACHEI QUE FOSSE ME AFASTAR TANTO, MAS NÃO FIQUEI TOTALMENTE LONGE, SABE? EU TAVA AQUI, SÓ QUE ESCONDIDA

ESCONDIDA?

É, SEI QUE TE FAÇO LEMBRAR DE COISAS MUITO DOLOROSAS E VIOLentas, TÁ VENDO SÓ? TU VAI DIZER QUE NÃO, MAS TEU CORAÇÃO TÁ APERTADO E TEUS OLHOS ESTÃO MEIO CHEIOS DE ÁGUA SALGADA, É ASSIM QUE CHAMA?



QUE INTERNA
BREVES
AÍ HAVENDO
DESEJO
RELEVA



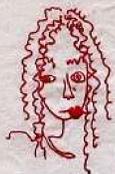
OUVIDO
O CORPO
O FIMUL
O PRODUCO
O DESOVI

OLHA, NÃO FUI EMBORA PORQUE OLHAR PRO QUE TEMOS É DOLORIDO, FUI PORQUE TEM UMAS COISINHAS AQUI FORA QUE ME GOMEM VIVA. TEM UMAS PRESSAS E PRECISO EXISTIR ENQUANTO FAÇO PACTOS COM ELAS, SINTO QUE TENHO IDO CADA VEZ MAIS LONGE COM ELAS E TE DEIXADO FICAR NESSE TEU CANTINHO

E POR QUE TÁ AQUI DE NOVO?

NÃO CONSIGO TÁ TOTALMENTE DESCONNECTADA DE TI, POR MAIS QUE SEJA ASSIM QUE SINTA NOSSA RELAÇÃO AGORA, E TALVEZ TAMBÉM TENHA USADO TODA A SITUAÇÃO PRA NÃO OLHAR MAIS PRA DENTRO, MESMO ISSO DOENDO MUITO MAIS

QUANDO
EU TINHA
15 ANOS
UM HOMEM
ESTRANHO
TOCOU MEU CORPO
SEM MINHA
PERMISSÃO



É SIM, PODE SER ASSIM TAMBÉM. O CIMENTO DESSA CIDADE ME PEGOU DE VEZ. NÃO VOU DIZER QUE ESTÁ ERRADA, PORQUE TAMBÉM É VERDADE O QUE FALOU, MAS É VERDADE TAMBÉM QUE SÓ CONSEGUI LIDAR COM ESSAS MONSTRUOSIDADES AQUI DENTRO PORQUE FIZEMOS ISSO JUNTAS

HOJE PEGUEI MINHA PASTA DE PRODUÇÃO

E TAVA REVENDO TUDO QUE FIZEMOS JUNTAS. CHOREI UM POUQUINHO. AQUELAS COISAS QUE NUNCA CONTAMOS PRA NINGUÉM E TEMOS MEDO DE CONTAR



TÁ TUDO BEM, EU NÃO VOU EMBORA E PODEMOS CONSTRUIR JUNTAS COISAS BONITAS E MENOS DOLOROSAS, POSSO ESPERAR PORQUE TAMBÉM SEI A IMPORTÂNCIA DESSAS DORES, PODEMOS TER BOAS NARRATIVAS. PODEMOS CONTINUAR CRIANDO. PODEMOS EXISTIR

PROMETO CONTINUAR TENTANDO

COMIDA

505

Comida

Técnica mista
97 cm x 71,5 cm
2023

Geisa (1999)

BREVES/PA, VIVE EM BELÉM



Multiartista independente, usa o desenho de contorno como meio expressivo na ilustração, moda, zines, vídeo-arte, encadernação manual e lambe-lambes.

Transita em poéticas sobre traumas, silenciamentos, abusos e afetos direcionados a corpos negros. Estuda Artes Visuais com ênfase em licenciatura na UFPA, técnico em Figurino Cênico na ETDUFPA, e é integrante do coletivo paraense Ilustra Pretice.

Riscada com linhas de meada vermelha e um potinho de tinta para tecido, "Comida" risca no algodão cru com o desenho de contorno a sua relação com a arte, deslocamento de território, negociações violentas para se manter próxima da produção artística, mas que findam e promovem seu afastamento: como manter o sonho vivo?





Eu Sou o Proletariado

Óleo sobre tela
50,3 cm x 40,2 cm
2023

Dias Júnior (1997)

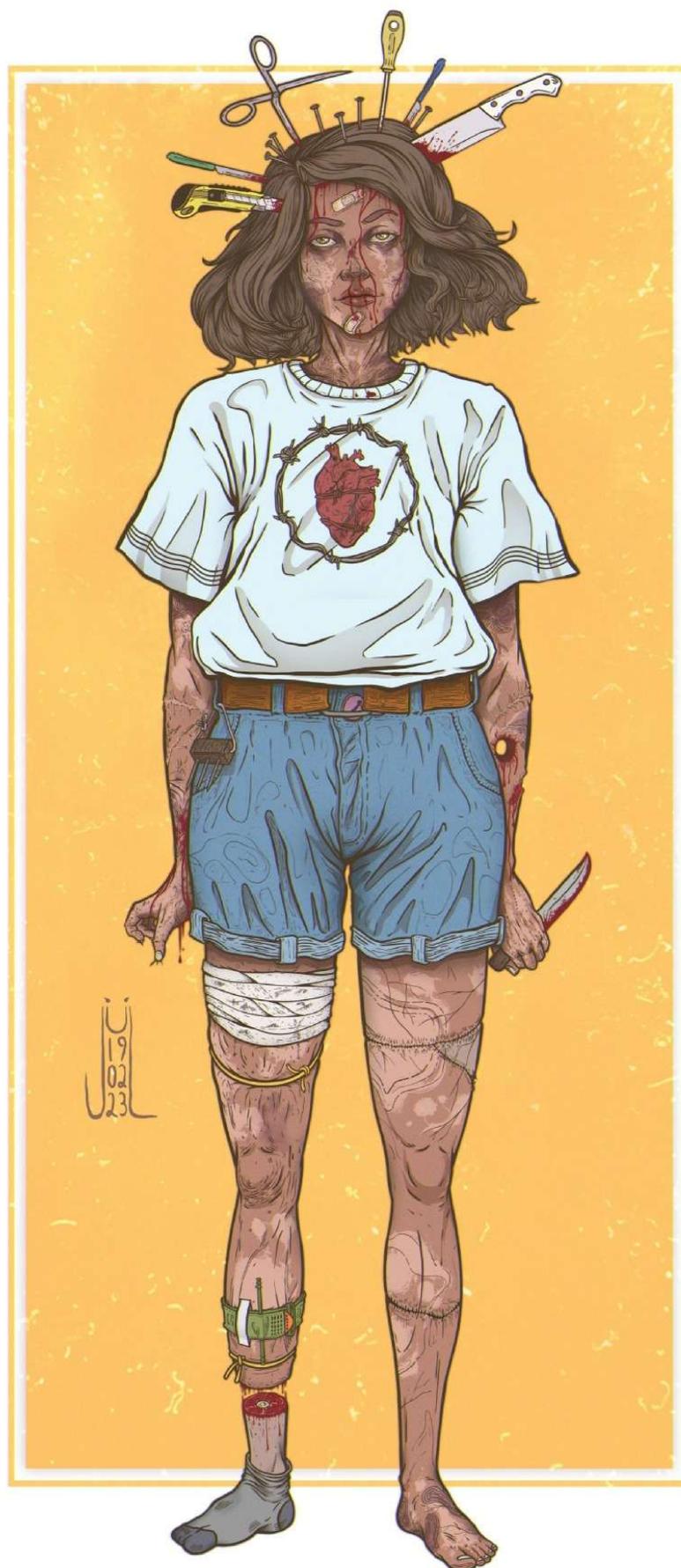
ABAETETUBA/PA, VIVE EM BELÉM



Graduando de Bacharelado em artes visuais pela Universidade Federal do Pará. Estagiou no ateliê do artista Éder Oliveira, e em 2023 foi ganhador do Prêmio Novos Contemporâneos, além de participar da feira do SP-Arte Rotas Brasileiras junto ao projeto do Arte Pará. Desenvolve sua pesquisa por meio de temas como negritude, trabalhadores, povo amazônico e pessoas que estão à margem da sociedade.

“Eu sou o Proletariado” é um trabalho da série “Eu Sou a Plebe”, onde o artista se autorretrata com vários rostos ao seu redor. Tem como objetivo trazer um auto entendimento social com relação ao artista e o lugar onde atualmente vive, abrangendo os trabalhadores que moram nas periferias, no qual se retrata não apenas como um único indivíduo, mas como componente de uma camada social que é maior que ele.





De Pé

Gravura digital
63 cm x 94 cm
2023

Jul (1994)

BELÉM/PA



Designer gráfico e desenhista autodidata, iniciou seus trabalhos na área como ilustrador em artes digitais.

O trabalho vem de uma representação visual de eventos e acontecimentos que marcam as pessoas; machucados deixam cicatrizes, e assim como o corpo sente e registra isso, nossas mentes também recebem ranhuras que vão marcando esse processo. Para evidenciar a conexão entre esses processos, a obra “De pé” mostra como diante de momentos tão trágicos e delicados, guardamos outros que nos acompanham e se tornam parte de nós na carne como cicatriz, e em nossas mentes como memória





Sagrada Família

Guache sobre papel

29,7 cm x 42 cm

2022

July Silva (1995)

BUJARU/PA, VIVE EM BELÉM



Graduanda do curso de Artes Visuais na UFPA. Amante da pintura e suas mais diversificadas técnicas. Busca compartilhar através da arte suas vivências e experiências como artista negra nortista.

“Sagrada Família” é uma obra onde temos a representação de uma família liderada por uma mulher negra que fez de tudo para seus próximos terem uma vida diferente da sua. Ela é a base da família, a que é a mais forte e une a todos, e vê esperança nos que vieram depois.





Solidões Compartilhadas

Acrílica sobre tela
43,5 cm x 53,5 cm
2023

Felipe Furtado (1998)

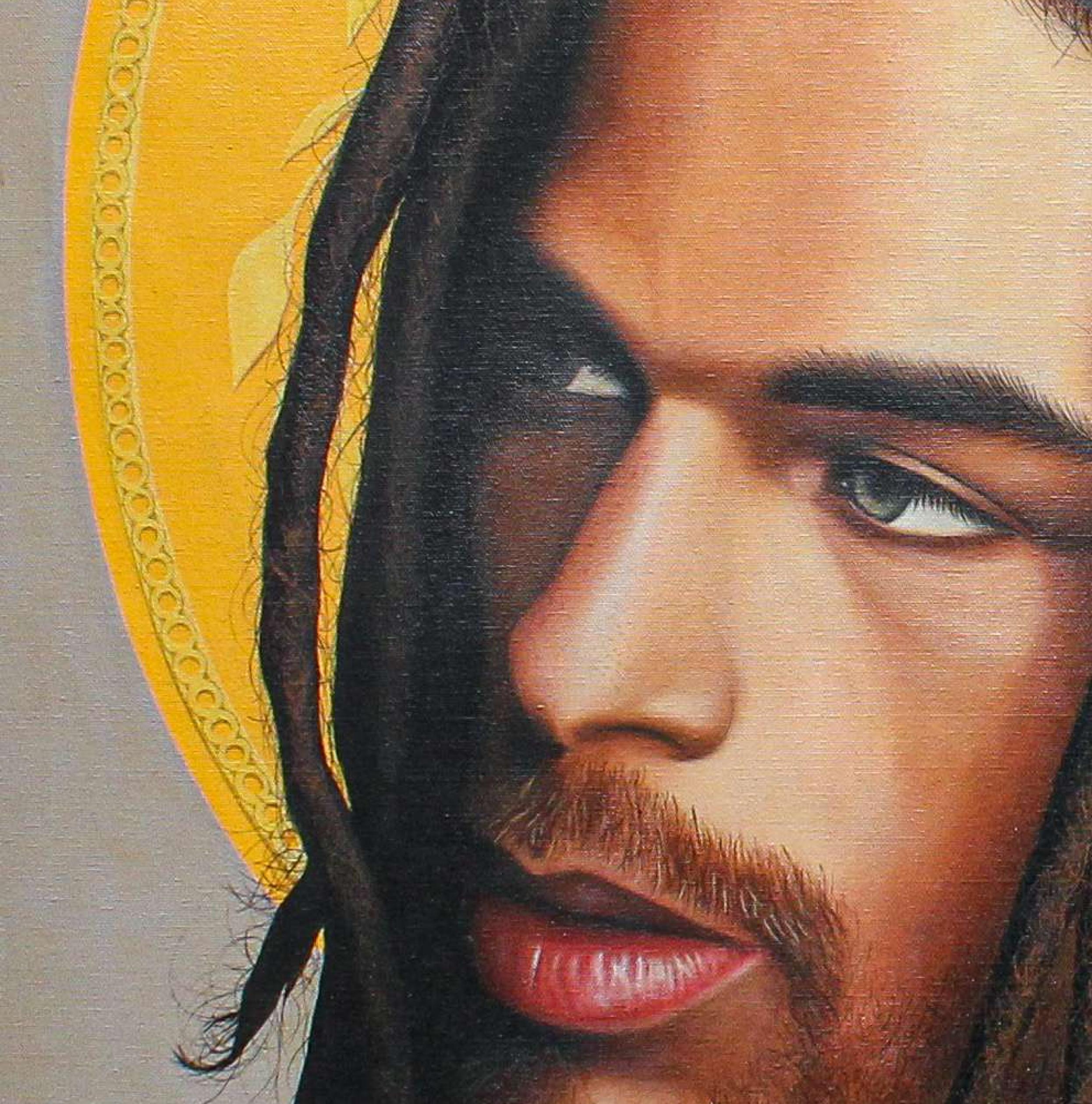
BELÉM/PA, VIVE EM BRAGANÇA



Começou sua carreira desenhando histórias em quadrinhos, porém durante a graduação em Artes Visuais, pôde equilibrar a produção com a pintura, misturando aspectos das duas linguagens em suas obras. Em 2021 lançou junto ao Museu Goeldi a HQ “Aquário Cinza”, e em 2023 participou da exposição “4 Olhares” na Fotoativa. Desde então, divide seu tempo entre o exercício da arte-educação e a elaboração de projetos autorais (variando entre HQs e pinturas). Em breve, fará o lançamento de um quadrinho independente chamado “Encontre suas asas” com 12 páginas totalmente pintadas com tinta acrílica.

“Solidões compartilhadas” quer registrar a distância que pode existir no cansaço da conversa. Mostrá-los despídos sugere alcançar a mais nítida abertura de seus corpos para o mundo, enquanto que a digressão de suas mentes solitárias circula sobre o próprio eixo, num exercício egoísta de fala, que gera somente um eco da sua própria voz. Compartilham suas vozes, mas continuam sozinhos.







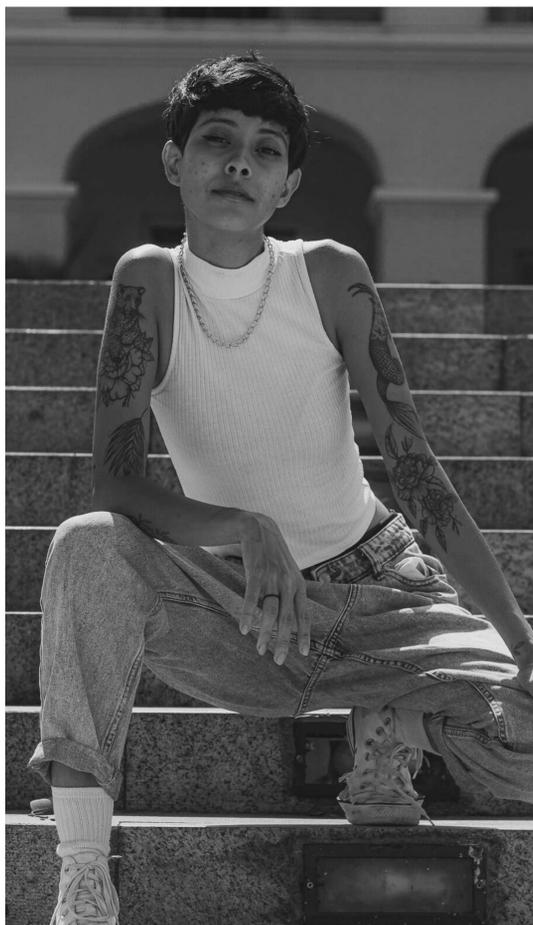


Anastácia Tem Voz

Técnica mista
45 cm x 33,2 cm
2023

Luiza Lopes (1998)

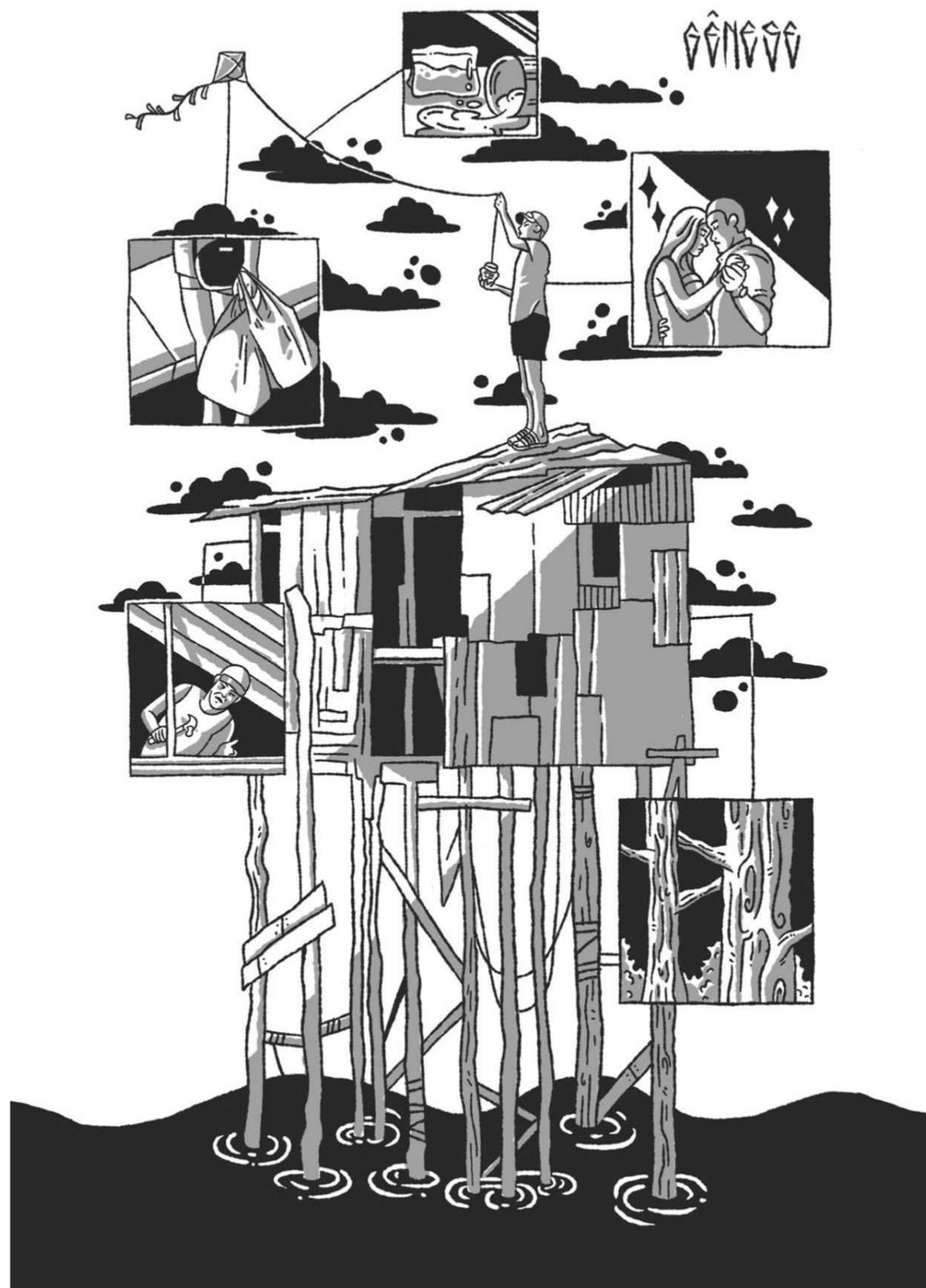
BELÉM/PA



Tem sua poética fincada nas raízes do Norte, inspirada nas matas e águas amazônicas, na cultura e nos costumes de nosso povo. Ilustradora com o foco na fauna e flora brasileiras, e nos signos da ancestralidade negra que a perpassam enquanto iniciada no candomblé Jeje Savalu. Trabalha em diversos suportes e materiais: tela de gesso, parede, papéis, livros de artista e colagens são algumas formas nas quais expressa seu pensamento.

“Anastácia Tem Voz” é a terceira peça de uma coleção de colagens inspirada em Anastácia, mulher, potência negra, que teve sua vida desumanizada pela escravidão e sua voz silenciada como forma de tortura. Trazer Anastácia gritando é protesto, é manifesto. É dizer que nossa voz tem peso, tem alcance e nossa história importa. Trago elementos como o Jasmim Branco, que é uma flor consagrada aos Pretos Velhos e a folha de Aroeira, planta medicinal usada para limpar e curar feridas. Os recortes de jornais datam nove de março, um dia depois do Dia da Mulher. A obra questiona o que acontece com elas (seu corpo, sua vida, sua ocupação) depois do dia oito. Ainda há muitas questões, escritas com fontes pequenas e escondidas por toda colagem, expressando como nossas lutas tantas vezes são diminuídas ou silenciadas. Mesmo assim, Anastácia grita, com fúria e constância.



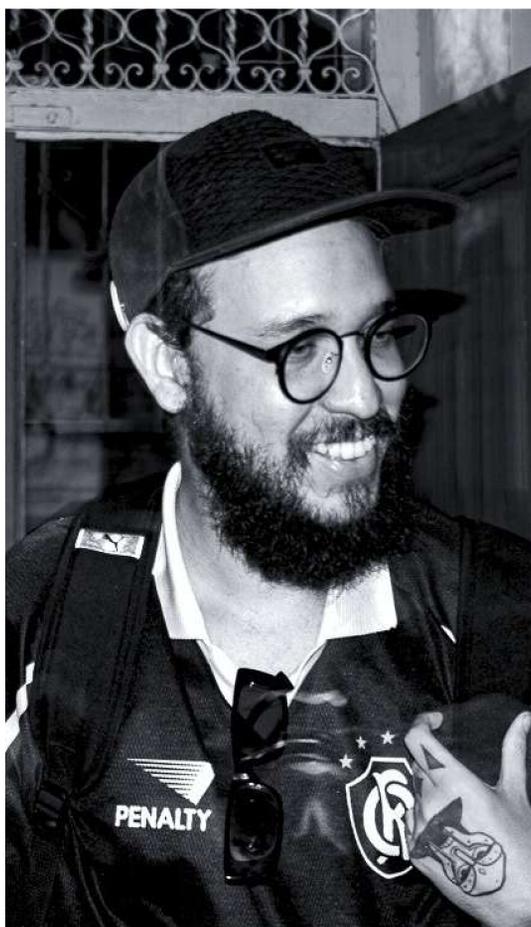


Gênese

Técnica mista
29 cm x 42 cm
2023

Viny (1992)

BELÉM/PA



Ilustrador, quadrinista, designer e animador freelancer. Formado em licenciatura em Artes visuais pela Universidade Federal do Pará. Publicou de forma independente a HQ "Resistência Gráfica" no ano de 2017 como resultado do TCC de licenciatura, participou da publicação "A Menina que vem de Itaiara" publicado pela Fundação Cultural do Pará 2017, artistas de Ananindeua 2020. Participou de diversas feiras de publicações, entre elas Comic Con Experience Recife no ano de 2017, e feira Marca D'água em Belém no ano de 2018. Participou da 25ª Feira Pan-Amazônica do Livro e das Multivozes no Beco dos Artistas de 2022.

A obra "Gênese" é um quadrinho experimental, impresso em serigrafia sobre papel, que retrata as origens dos elementos que constituem uma cena do cotidiano das periferias da Amazônia. A obra recorre aos elementos clássicos da linguagem dos quadrinhos, aliados a elementos gráficos experimentais para criar uma atmosfera que faz referência a este cotidiano.





A Casa da Carta

Fotografia
12 cm x 17 cm
2023

Ceci Bandeira (1998)

BELÉM/PA



Mãe da Leila. Doutoranda e mestra em Artes pela Universidade Federal do Para (PPGArtes - UFPA), formada em Filosofia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Desenvolve trabalhos ligados as artes visuais, curadoria e pesquisa.

“A Casa da Carta” existe? Sim. Existe, ou existiu em alguma rua de Belém no dia 04/02/2022 às 07h45 quando chamou a atenção da artista por ser uma casa aparentemente abandonada, implorando por cartas. A fotografia emoldurada foi enviada como cartão-postal, via Correios, para 10 destinatários, criando um processo de expectativa, surpresa e leitura da arte postal por aqueles que entram em contato com a imagem. Esse processo se desenvolveu como ação: impressão do cartão-postal, preenchimento do envelope com os dados dos destinatários e da remetente, ida aos Correios, envio da carta pela remetente, recebimento da carta pelos destinatários, surpresa, envolvimento com a obra e mensagem de retorno. Assim, “A Casa da Carta” também passa a existir, e chega para aqueles que desejam recebê-la.





Por Elas

Escultura em madeira/instalação

Dimensões variadas

2023

Itatiane Moraes (1982)

BELÉM/PA, VIVE EM CAMETÁ



Criada na cidade de Cametá, região das ilhas. Em 2004 participou de oficinas de escultura em madeira com o Mestre Feliciano Sanches, na Fundação Curro Velho, na qual percebeu sua habilidade com as ferramentas, e assim começou a esculpir. Já participou de coletivas na Casa das Artes, Galeria do CCBEU, e Galeria do Tribunal Eleitoral.

"Por Elas" é um projeto de empoderamento feminino; São mulheres nas ferramentas que mostram a luta da mulher no dia-a-dia. Nesse trabalho, elas são representadas nas mais diversas formas, colocadas nas ferramentas, sendo as tais de entalho, como formões e goivas. Quando traz uma mulher enfiada em uma ferramenta, a artista lembra de como as mulheres precisam avançar ainda mais no mercado de trabalho, e na artes contemporâneas não é diferente.





Amazônia em Cura

Escultura em argila
32 cm x 43 cm x 26 cm
2022

Nadia Rose (1977)

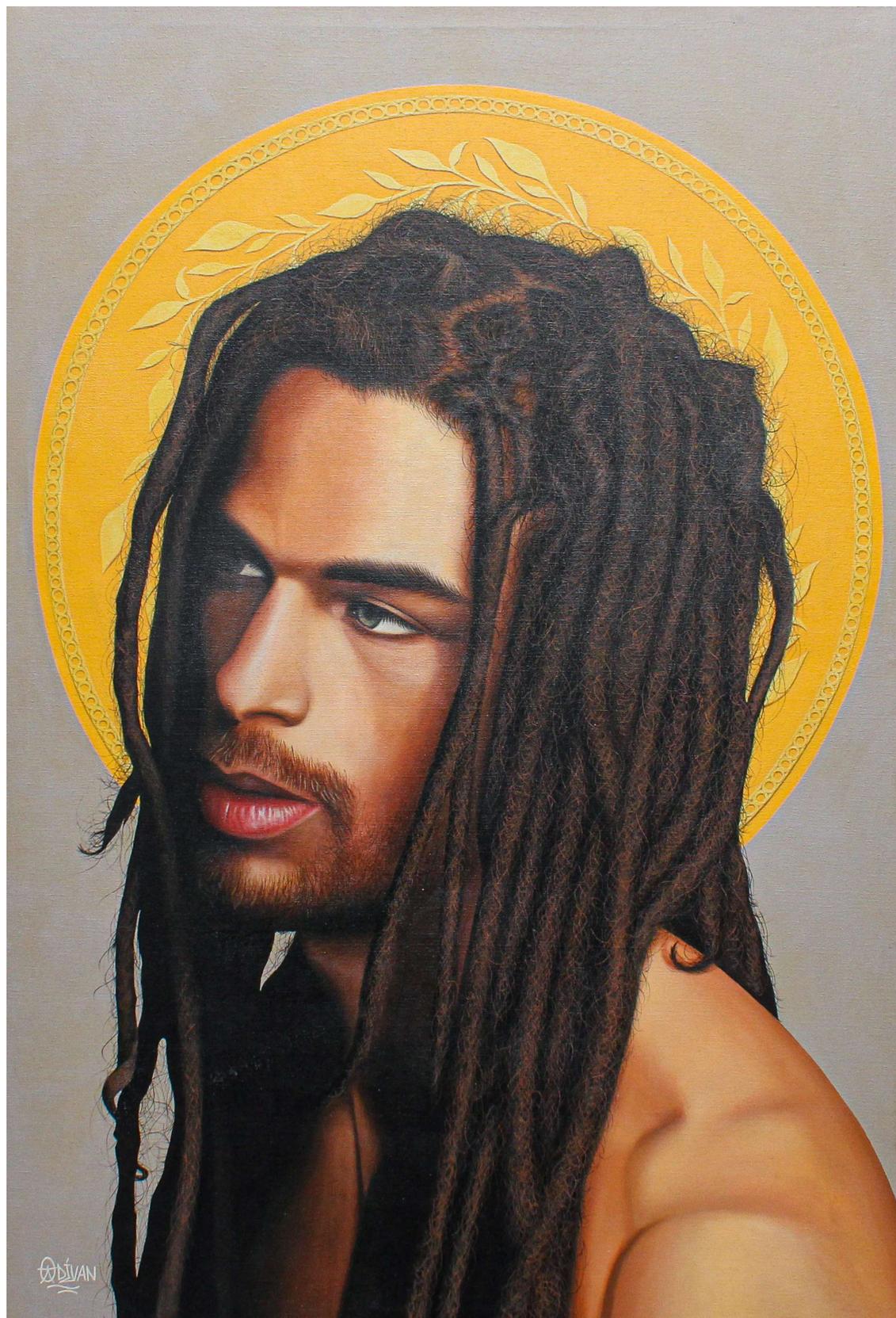
BELÉM/PA



Artista visual, atualmente é estudante de Artes na Universidade Federal do Pará, onde aprofundou seus conhecimentos sobre escultura e cerâmica. Desde então tem desenvolvido trabalhos onde o corpo é o objeto de estudo e poética.

Um corpo maternal, gravado por uma flor da Amazônia, a vitória-régia. Um corpo maternal que gestou a todos nós, um corpo que resiste a todos os ataques, um corpo que encontrou força e o remédio dentro de si para restaurar suas fraturas, fratura onde esse corpo se sustenta e resiste, ferimentos de abandono e morte? Resistir não é sorte, é luta. Resistir é aporte da “Amazônia em Cura”.





Passabilidade

Acrílica sobre tela

70 cm x 100 cm

2023

Odivan Baia (1999)

CAMETÁ/PA



Artista independente autodidata. Tem o fazer artístico fundamentado em técnicas de pintura realista, onde sua temática principal é a figura humana, mas também faz releituras de criações passadas e cenas cotidianas.

“Passabilidade” faz alusão ao embranquecimento epidérmico político-existencial de Jesus das Cruzadas, em um livro negro de interpretação historicamente branca.





Interior

Fotografia
29,4 cm x 44 cm
2020

Rafaela Cardozo (2001)

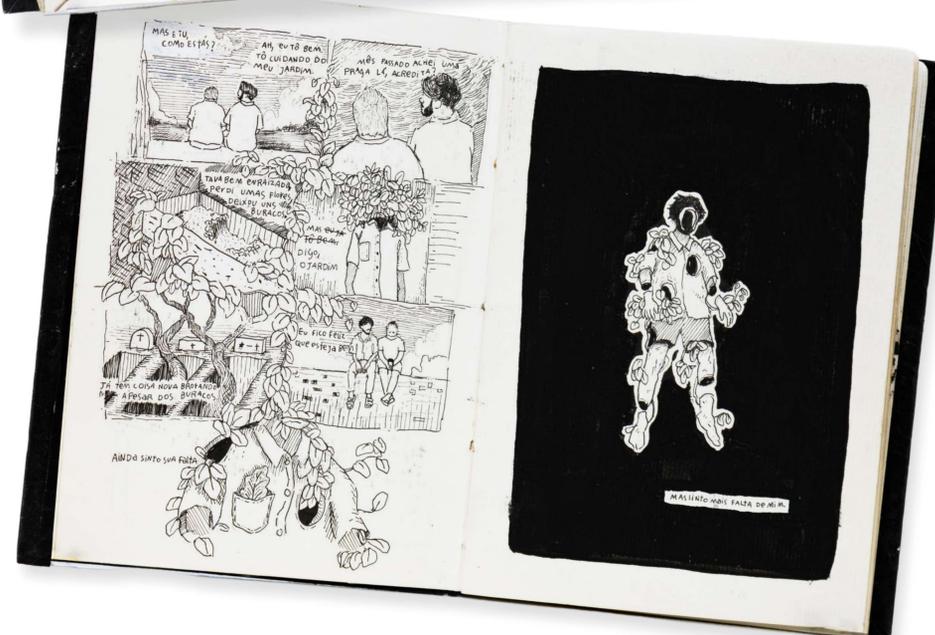
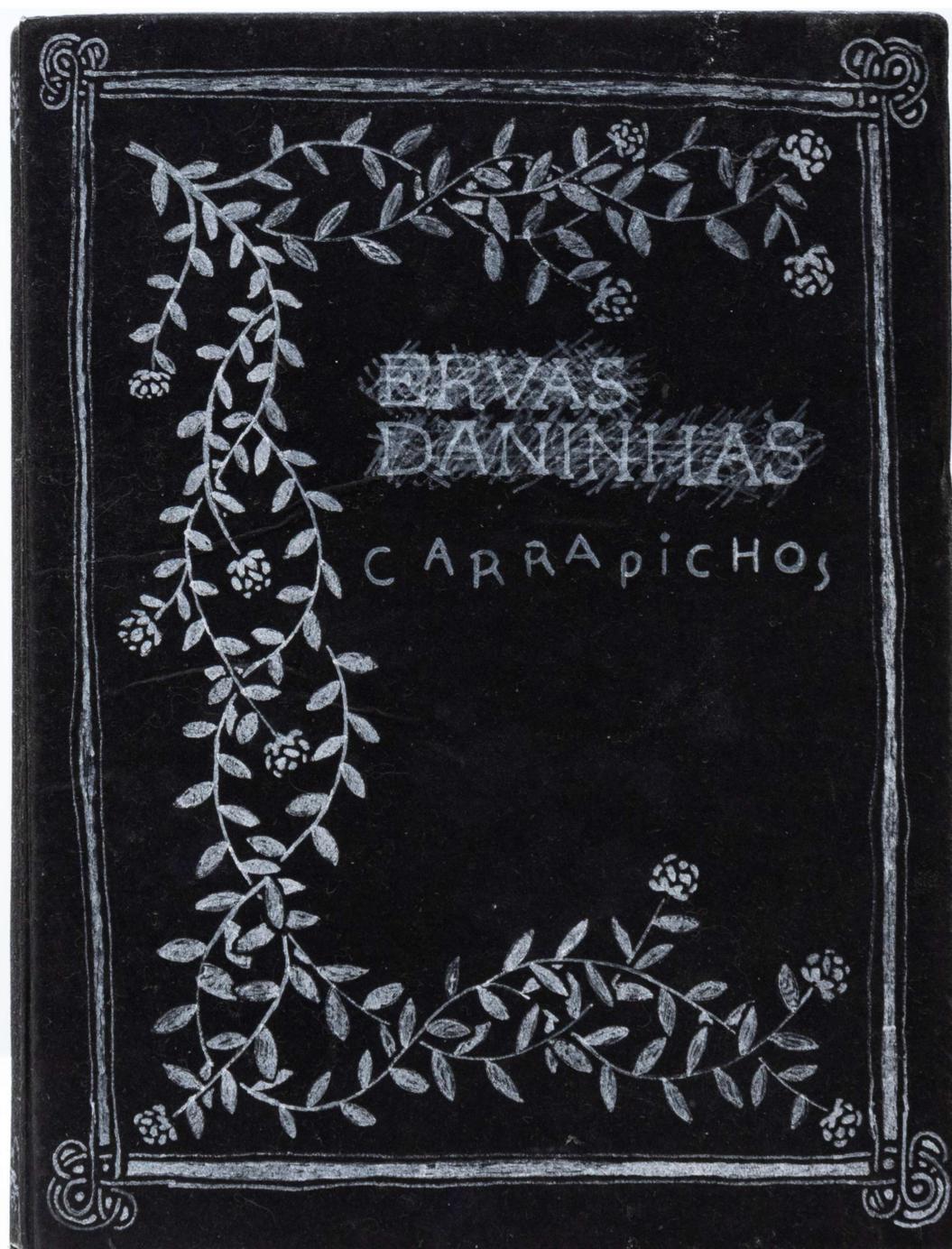
MARABÁ/PA



Artista visual, acadêmica de Lic. em Artes Visuais (UNIFESSPA), nascida em 2001 e criada no Sudeste do Pará, onde encontra inspiração no calor e na vivência na cidade de Marabá. Tem interesse principal na arte-educação e fotografia, mas gosta de experimentar outras linguagens artísticas. Nessas produções, faz reflexão sobre identidade, pensando em como é formada nas relações, no meio em que vive e no próprio interior.

“Interior” é um autorretrato que mostra a ida nas profundezas da própria essência, realizado no momento em que o mundo estava envolto em máscaras e distanciamento. Uma jornada de ansiedade e incerteza, onde só conseguimos ver a expressão da fragilidade que inundou todo o interior.





Carrapichos

Objeto/livro de artista

16,5 cm x 21,5 cm - 26 páginas

2023

ACESSE A OBRA
COMPLETA



Eremita (Roberto Júnior) (2000)

BELÉM/PA



Artista visual brasileiro. Graduando de Licenciatura em Artes Visuais (UFPA). Suas obras utilizam do misticismo, da espiritualidade e de sua conexão com a natureza e com o mundo para tratar de assuntos como a saúde mental e o autoconhecimento.

“Carrapichos” é uma obra autobiográfica sobre transições, traumas, apego emocional, fins de ciclos e auto perdão. Parte do projeto do artista foi levar esse caderno de artista pra passear consigo pela cidade, enquanto registrava seu cotidiano. A obra é cheia de rasgos, manchas, suturas, colagens, flores e rabiscos. É uma fratura exposta em processo de cura.





Autorretrato

Aquarela em Papel
31 cm x 37 cm
2023

Sarts (1996)

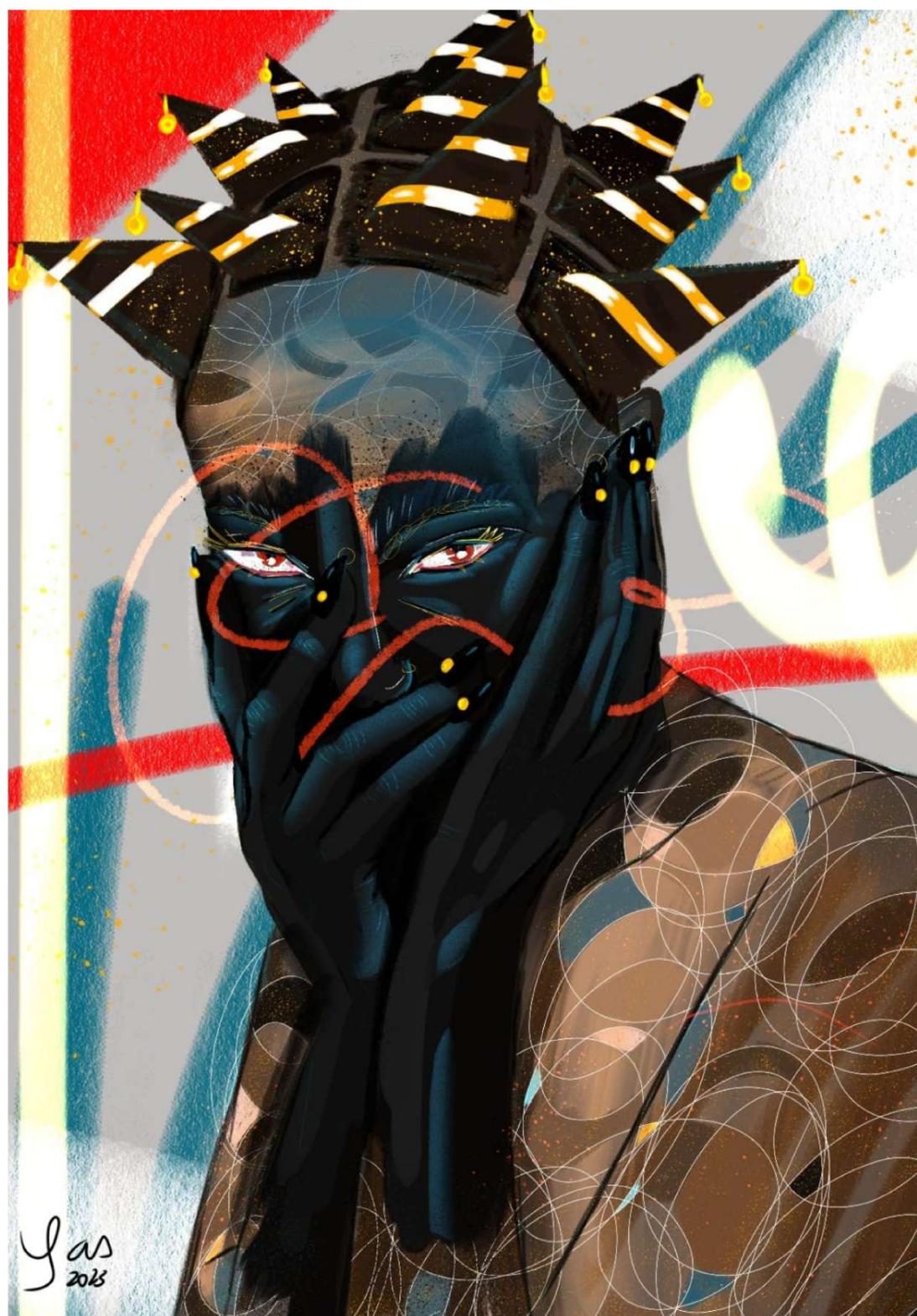
BELÉM/PA



Artista visual desde 2016 apesar de já ser bem antes, trabalha com tatuagem e ilustração.

A obra “Autorretrato” representa uma forma de aceitação. A artista fala sobre a dificuldade em ser uma mulher gorda, atormentada pelos padrões de beleza e sem nunca ter aceitação de ninguém ao seu redor, e nem de si mesma. Antes de ser uma pintura era uma fotografia, e em algum momento a artista resolveu pintar; ao terminar, percebeu que tinha beleza, que apesar do que escutou a vida inteira, era bonita e perfeita em todos os detalhes. Hoje essa obra é apreço por quem se é, por quem se foi e por quem seremos no futuro.





Tormenta

Pintura digital
52 cm x 73 cm
2023

Yasmin Fonseca (1996)

SÃO MIGUEL DO GUAMA/PA



Artista negra, autodidata que trabalha com desenhos e colagens digitais, realizadas pelo celular, mas também com pinturas em outras mídias como tecidos, paredes, telas e papel. Suas temáticas orbitam, principalmente, sobre a mística feminina, em especial à mística da mulher negra amazônica, e também do afrofuturismo na Amazônia.

"Tormenta" diz respeito à ira feminina, mais especificamente, sobre a possibilidade da mulher negra se permitir sentir raiva sem cair na armadilha do estereótipo de mulher "raivosa". As mulheres negras ainda compõem a base dos piores e mais tristes indicadores sociais do Brasil como o encarceramento em massa, o trabalho informal, a iniquidade de salários, a solidão afetiva, a insegurança alimentar e patrimonial, abusos e violências de todas as formas, e mortes por feminicídio; entretanto, ainda, nos é cobrada uma atitude passiva frente a esta realidade indignante. Indignar-se e sentir a tormenta que ainda é a realidade das mulheres negras e racializadas não nos bestializa e tampouco nos torna irracionais, pelo contrário, nos faz humanas e conscientes de nossa realidade social. "Tormenta" é um posicionamento contra a construção de histeria e ameaça que ainda pretende subjugar e controlar os corpos e os sentimentos de todas as mulheres (em sua ampla diversidade de identidades).



LISTA DE OBRAS

ANDRESSA PALHIANA (1999)

TECIDA

Grafite sobre papel
43,5 cm x 53,5 cm
2023

CARLOS GATINHO (1998)

ESPECTRO DE YEMANJÁ

Pintura digital
44,5 cm x 62,7 cm
2023

CAIO PAIXÃO (1997)

DESEJO VIDA

Nanquim sobre papel
32 cm x 44 cm
2023

DIEGO AZEVEDO (1989)

SEM TÍTULO

Óleo sobre tela
60 cm x 40 cm
2023

FIAMA RODRIGUES (1994)

MÃE DO JARDIM

Técnica mista
12,5 cm x 36 cm
2023

GEISA (1999)

COMIDA

Técnica mista
97 cm x 71,5 cm
2023

DIAS JUNIOR (1997)

EU SOU O PROLETARIADO

Óleo sobre tela
50,3 cm x 40,2 cm
2023

JUL (1994)

DE PÉ

Gravura digital
63 cm x 94 cm
2023

JULY SILVA (1995)

SAGRADA FAMÍLIA

Guache sobre papel
29,7 cm x 42 cm
2022

LUIZ FURTADO (1998)

SOLIDÕES COMPARTILHADAS

Acrílica sobre tela
43,5 cm x 53,5 cm
2023

LUIZA LOPES (1998)

ANASTÁCIA TEM VOZ

Técnica mista
45 cm x 33,2 cm
2023

VINY (1992)

GÊNESE

Técnica mista
29 cm x 42 cm
2023

CECI BANDEIRA (1998)

A CASA DA CARTA

Fotografia
12 cm x 17 cm
2023

ITATIANE MORAES (1982)

POR ELAS

Escultura em madeira/instalação
Dimensões variadas
2023

NADIA ROSE (1977)

AMAZÔNIA EM CURA

Escultura em argila
32 cm x 43 cm x 26 cm
2022

ODIVAN BAIA (1999)

PASSABILIDADE

Acrílica sobre tela
70 cm x 100 cm
2023

RAFAELA CARDOZO (2001)

INTERIOR

Fotografia
29,4 cm x 44 cm
2020

EREMITA (ROBERTO JÚNIOR) (2000)

CARRAPICHOS

Objeto/livro de artista
16,5 cm x 21,5 cm - 26 páginas
2023

SARTS (1996)

AUTORRETRATO

Aquarela sobre papel
31 cm x 37 cm
2023

YASMIN FONSECA (1996)

TORMENTA

Pintura digital
52 cm x 73 cm
2023

FICHA TÉCNICA

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ

GOVERNADOR:
HELDER BARBALHO

VICE-GOVERNADORA:
HANNA GHASSAN TUMA

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DO PARÁ

PRESIDENTE:
THIAGO FARIAS MIRANDA

DIRETORA DE INTERAÇÃO CULTURAL:
CLÁUDIA PINHEIRO

GALERIA THEODORO BRAGA

GERENTE:
ELIANE MOURA

EQUIPE:
**CAROLINA RIBEIRO, PABLO MUFARREJ, RENATO TORRES,
JOÃO PAULO DO AMARAL**

ESTAGIÁRIOS:
GUSTAVO SOUSA, MATHEUS DUARTE, MONIQUE FERREIRA

EXPOSIÇÃO NOVOS CONTEMPORÂNEOS

EXPOGRAFIA:
ELIANE MOURA, RENATO TORRES

MONTAGEM E ILUMINAÇÃO:
JOÃO PAULO DO AMARAL, PABLO MUFARREJ

FOTOGRAFIA:
GUSTAVO SOUSA

DESIGN GRÁFICO:
MATHEUS DUARTE, MONIQUE FERREIRA



